

A notícia, primeiro descoberta em uma revista espanhola, depois confirmada pela imprensa porto-alegrense, de que o arquiteto português Álvaro Siza Vieira havia sido contratado para realizar o projeto da sede da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, me encheu de satisfação. Ingenuamente, pensei que minha alegria seria compartilhada por todos na cidade. Ledo engano. Tão logo a notícia foi divulgada, iniciou o “choro e ranger de dentes” entre os arquitetos.

A reação negativa, nunca expressa formalmente, mas murmurada e resmungada aqui e ali, francamente me deixou perplexo. Afinal, Álvaro Siza não é qualquer um. É um arquiteto conhecido no mundo inteiro pela qualidade e importância do seu trabalho, tendo construído em vários países. Além disso, lhe foram conferidos todos os principais prêmios do mundo da arquitetura, inclusive aquele que equivale ao Nobel da nossa área, o Pritzker, concedido bi-anualmente desde 1980 àqueles considerados expoentes na profissão.

Isso não parece ser relevante nem suficiente para os nossos insatisfeitos. Uns se perguntam se tal contratação se deveria à falta de confiança da iniciativa privada na competência dos profissionais. Outros falam em colonialismo cultural e afirmam que não somos mais o quintal do Primeiro Mundo. A temperatura do debate aumenta quando um jovem arquiteto indaga: “Quinhentos anos depois, precisamos ainda ser ensinados por um português tal qual índios que andam nus e se impressionam com espelinhos e miçangas”? Sabe-se também que outros arquitetos não tão jovens reprovam, à boca pequena, a contratação do “invasor” luso.

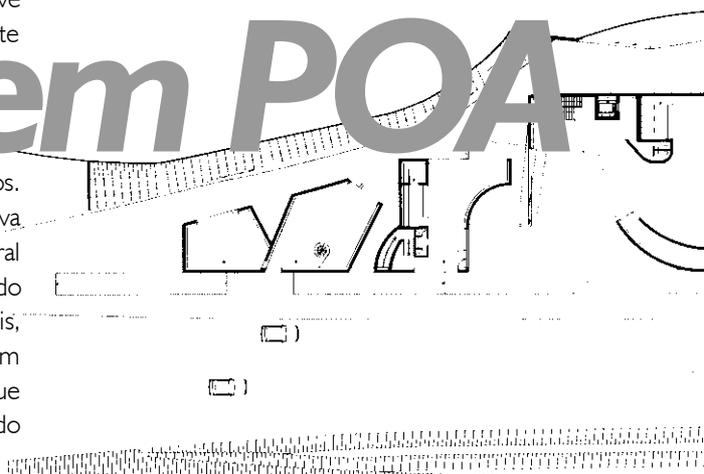
A que se deve a revolta de alguns arquitetos locais? Seria apenas a defesa do seu mercado de trabalho, cada vez menor, em uma economia decadente com uma clientela francamente limitada culturalmente? Uma tentativa de mostrar, mesmo que seja à força, que também somos competentes?

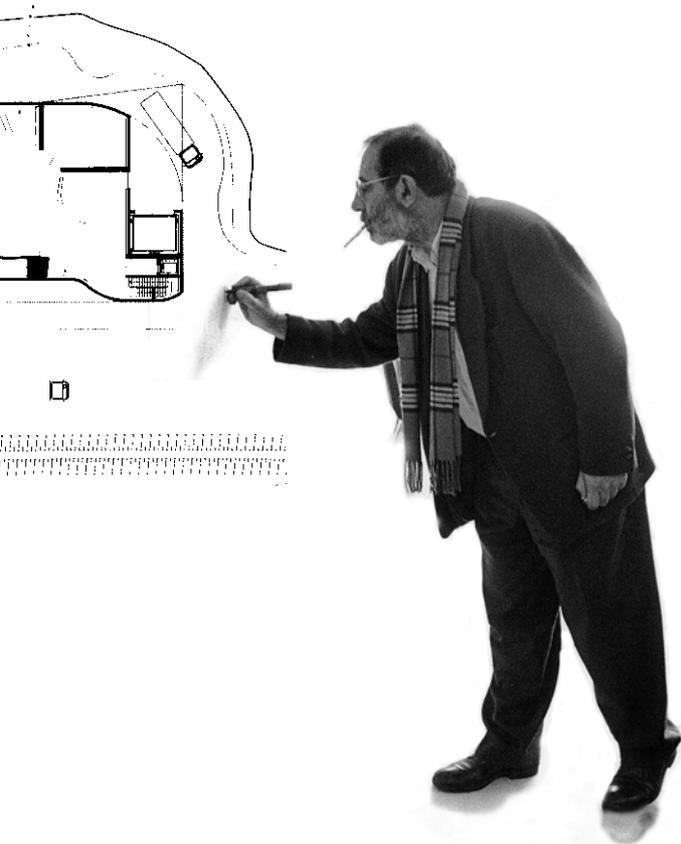
De qualquer modo, a reação contra mais uma “invasão da nossa cultura” serve para indicar algumas razões de sermos tão medíocres arquitetonicamente no sul do Brasil, mesmo comparados com nossos vizinhos do Cone Sul. A falta de discussão arquitetônica não vinculada a ideologias é uma. A falta de humildade dos nossos profissionais, outra. Para que se possa aprender e crescer em qualquer profissão é preciso ter capacidade de fazer auto-crítica, debater e tirar todo o proveito da exposição às obras dos grandes, como Siza.

Alguém de fora talvez não entenda tal desagrado por causa de um pequeno projeto para uma fundação privada. Afinal, a rigor não temos nada com isso, pois não há dinheiro público envolvido na nefanda decisão. Mas a incoerência presente nas manifestações entreouvadas até agora é gritante. Convém recordar que quando foi construído o Shopping Praia de Belas, o projeto era de autoria de uma empresa americana e ninguém reclamou. Aliás, um péssimo projeto arquitetônico, diga-se claramente; nem que Siza quisesse ele conseguiria fazer algo tão ruim. Mais recentemente, o processo de reavaliação do Plano Diretor de Porto Alegre foi conduzido por um arquiteto argentino. Outra vez, nenhuma reclamação. E ainda mais recentemente, o projeto de um anfiteatro às margens do Guaíba – obra que tem o envolvimento do poder público, embora o projeto aparentemente tenha sido doado por uma fundação privada – foi entregue a um arquiteto de fora do estado, sem que nenhuma voz se levantasse contra a iniciativa. Que curioso, não? Será uma prevenção contra os portugueses? Ou será que o que falta a Siza é um bom *marketing* e um “representante” local?

Siza

em POA





O que pensam meus indignados colegas? Que, caso Siza não fosse o escolhido, o projeto seria entregue a um arquiteto local com condições de realizar um projeto apropriado a uma instituição cultural do porte e da importância da Fundação Iberê Camargo? Claro que não, o trabalho seria realizado por um arquiteto comercial. Nada contra quem ganha sua vida honestamente trabalhando para a indústria da construção civil. Porém, o projeto da sede de uma instituição cultural exige uma postura reflexiva, que considera a arquitetura como prática cultural e artística, além de um ofício. Entregar projeto tão importante nas mãos de alguém que vê a arquitetura unicamente como “serviço”, cujos produtos se configuram ao sabor de modas, tendências, etc., seria desperdiçar mais uma oportunidade de ter boa arquitetura em nossa cidade, já tão maltratada esteticamente. Não estou com isso afirmando que não há em Porto Alegre arquitetos em condições de realizar o projeto da sede da FIC. O problema é que a grande maioria deles está fora do chamado “mercado”, o qual não exige reflexão e nem quer Arquitetura (com maiúscula). Não estando presentes no mercado nem sendo valorizados pelo mesmo, eles não existem, por isso todas as poucas oportunidades de construir edifícios de importância coletiva acabam caindo nas mãos dos “prestadores de serviço”, com as conseqüências que qualquer pessoa com um mínimo de sofisticação visual pode perceber ao andar por Porto Alegre, ou por qualquer outra cidade brasileira.

É preciso ser cego, teimoso ou muito limitado para não ver que ter em nossa cidade uma obra de um dos cinco melhores arquitetos do mundo é bom para todos: para a Fundação, para Porto Alegre e para nós arquitetos. A Fundação terá um lugar excepcional para abrigar a obra de um dos maiores pintores brasileiros, um edifício que será atração por si mesmo. Porto Alegre, além de ganhar mais um centro de cultura e encontro, entrará no mapa da arquitetura internacional e atrairá turistas, tanto para ver o edifício quanto a coleção. Isso acontece em todos os lugares em que se constrói boa arquitetura: Bilbao não existia como destino turístico antes do Guggenheim de Gehry, assim como Niterói era apenas algo “do outro lado da Baía da Guanabara” antes do Museu de Niemeyer, para citar apenas dois exemplos. Quem virá até aqui visitar uma obra de uma das “estrelas” locais?

Também para nós arquitetos há vantagens. A visão negativa sustenta que perdemos mais uma oportunidade de trabalho. A positiva indica que todos, profissionais e estudantes, teremos o que aprender com esta oportunidade. E mais: a exposição que o projeto está tendo e terá em jornais e revistas de consumo geral, desde a contratação do arquiteto, durante a obra e depois da inauguração, irá gerar um clima de opinião favorável à arquitetura de alto nível, que neste caso é a arquitetura moderna. Ou seja, a médio prazo o projeto do “invasor” pode acabar resultando em clientes melhor educados **para nós mesmos**. E, quem sabe, até mais trabalho do que antes.

Portanto, meus parabéns à Fundação Iberê Camargo pela iniciativa e à Sra. Maria Camargo pela insistência em ter um arquiteto do porte de Álvaro Siza como autor do projeto da sede da Fundação. Todos vamos ganhar com isso, mesmo os que hoje são contra essa decisão.

opinião

Edson da Cunha Mahfuz
Arquiteto, Prof. Titular UFRGS

Imagens:
ELcroquis 95/1999